

# Obscuros anos-luz

Josimey Costa

Quando dei-me conta, as minhas mãos estavam velhas. *Velhas*. Esse é um adjetivo que sempre se aplica aos outros, às coisas exteriores a nós. À minha avó. O seu corpo envelhecia com pressa, enquanto a cabeça se mantinha lúcida. Uma lucidez cruel, que lhe permitia perceber o sumiço da carne, o ressecamento da pele, a perdição de cor e brilho do cabelo. As pernas e os braços já não mais executavam as ordens da mente com a presteza devida. O tempo se esticava no contar de horas imóveis. Minha avó, como eu agora, se via morrer assim e me narrava essa vivência com as cores trágicas e estáveis da resignação.

Já nasci com a consciência da morte, e senti-a mais aguda ao saber a arte como uma ancestral e muito presente tentativa de não morrer. A imagem eterniza a alma, vencendo a consumição da matéria. O prazer nega a morte, que espera pacientemente a sua vez de afirmar a vida. Só que não me consola em nada esse arremedo de filosofia. As minhas mãos estão velhas, e eu nem pude notar que o tempo passou.

Ontem, havia uma foto no jornal: uma menina de sete anos em sua imagem de morta. Atropelada. O corpo parecia um pequeno quebra-cabeças sujo e desmontado. A morte é obscena. Corpos mortos reúnem mais obscenidades que qualquer vício, qualquer pecado. Estão ali, a mercê de todo olhar, disponíveis, indefesos, insuportavelmente devassados. Não podem mais se esconder, não têm o que ocultar. Alguém deveria ter preservado aquela menina da indecência dos olhares vivos.

Ao descobrir minhas mãos enrugadas, aprendi que ser velho não é não precisar de ninguém. É não ser necessário. Os velhos se sentem transparentes. E, como as crianças, não são ouvidos, a não ser que gritem. Mas a voz não tem a força da infância, nem desperta a mesma ternura. Quem é jovem não pode saber, nem deve, que o tempo embarga a garganta, embota os olhos e engana o tato. O tempo emudece o mundo somente para os ouvidos de quem atravessou eras.

Eu tenho, agora, um filho ancião. Não sei como, não me lembro do seu nascimento. Lembro-me somente de como as *minhas* pernas eram pequenas para percorrer o mundo e que custava-me andar. As ruas eram sempre muito largas, as paredes, todas muito altas. É viva, para mim, a sensação de correr com o vento me empurrando, cúmplice. O cansaço era bom, servia para que eu pudesse descansar. O corpo todo era prazer.

Era. Escrevo isto sem pretender nenhuma explicação. É impossível esclarecer as razões de um fato quando não se entende as razões, nem o fato. Tenho escassas vivências a registrar. Porém, se minhas mãos estão velhas, o tempo deve ter passado. Não senti essa passagem, não a sinto agora. Sei apenas que meu sorriso é raro e que concedo muito pouco. Só não sei como mudar isso, do mesmo jeito que não sei como incorporei os anos que aparecem em minhas mãos.